

Lago artificial criado na exploração de amianto

Consequências do encerramento da exploração do amianto em Bom Jesus da Serra (BA)

DATA DE EDIÇÃO
19/12/2012

MUNICÍPIOS
BA - Bom Jesus da Serra
BA - Simões Filho

LATITUDE
-14,4277

LONGITUDE
-40,3958

SÍNTESE

Após explorar por 30 anos a mina de amianto em Bom Jesus da Serra, na Bahia, a Sociedade Anônima Mineração de Amianto (Sama), hoje controlada pelo Grupo Eternit, deixou um passivo socioambiental de grandes proporções. Além da cratera aberta e cheia de água contaminada, a população local convive com doenças como câncer, em função do prolongado contato com o amianto.

APRESENTAÇÃO DE CASO

São Félix do Amianto foi a primeira mina de amianto brasileira e permitiu que o país deixasse de ser totalmente dependente da importação deste minério. Instalada, em 1937, em Bom Jesus da Serra, distrito do município de Poções, no sudoeste da Bahia, a mina foi explorada pela Sociedade Anônima Mineração de Amianto (Sama), a partir de 1939. Mas, apesar do desenvolvimento que levou à região, quando encerrou suas atividades, em 1967, após o esgotamento das reservas, a Sama deixou um passivo socioambiental de grandes proporções (PAIXÃO; QUEIROZ, 2009). Como a extração de amianto aproveita apenas 5% a 10% da rocha, restou no local grande quantidade de rejeitos, que contaminaram o meio ambiente, as águas, os animais e a população local (FOLHA DO MEIO AMBIENTE, 2008).

A extração mineral no local deixou também uma grande cava, com 4 km de extensão e 200 m de altura, que, ao longo do tempo, foi preenchida com águas contaminadas do lençol freático e das chuvas, formando um lago que permanece cheio o ano inteiro e é usado pela população como área de lazer. Nos tempos de seca, suas águas se destinam também ao abastecimento de caminhões pipa, utilizados por diversos municípios e vilarejos da região (FOLHA DO MEIO AMBIENTE, 2008). Além das águas da cratera, o açude, única vertente de água potável da localidade, também está contaminado por resíduos de amianto e de explosivos usados na extração da rocha. Apesar dos riscos à saúde, no local não existe nenhuma sinalização alertando a população (IDEC, 2005).



Transporte de telhas de amianto

Até o final dos anos 1990, a Sama tinha como acionista o grupo francês Saint Gobain, proprietário da marca Brasilit, empresa que, após o banimento de todos os tipos de amianto na França, em 1997, anunciou que iria substituir o mineral cancerígeno também no Brasil e deixou a participação acionária. Em 1998, a Sama passou a ser controlada pelo Grupo Eternit, o maior do setor no país (A&R, 2008).

Enquanto explorou a mina, a Sama empregou cerca de 540 pessoas e manteve uma vila operária no local, com aproximadamente 30 casas, alojamento para os trabalhadores, barracão para venda de mantimentos, quadra poliesportiva, escola, cinema, restaurante, cemitério, igreja, marcenaria, oficina mecânica e um campo de pouso. Apesar da estrutura oferecida, o meio ambiente e a qualidade de vida dos trabalhadores e de suas famílias eram afetados pelo pó de amianto que dominava a paisagem, tornando todo o

ambiente esbranquiçado, e pelas precárias condições de trabalho. Não havia cuidados específicos para garantir a saúde dos trabalhadores, e as crianças, adolescentes e mulheres extraíam a mão o amianto das rochas descartadas pela usina (D´AREDE, 2009). Na ocasião em que a Sama operou no local, o Brasil não dispunha de leis que regulassem esse tipo de atividade. Também não existiam leis que obrigassem a empresa a garantir a saúde do trabalhador e da população da região minerada e a recuperar a área degradada (MAPA DA INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL, 2009).

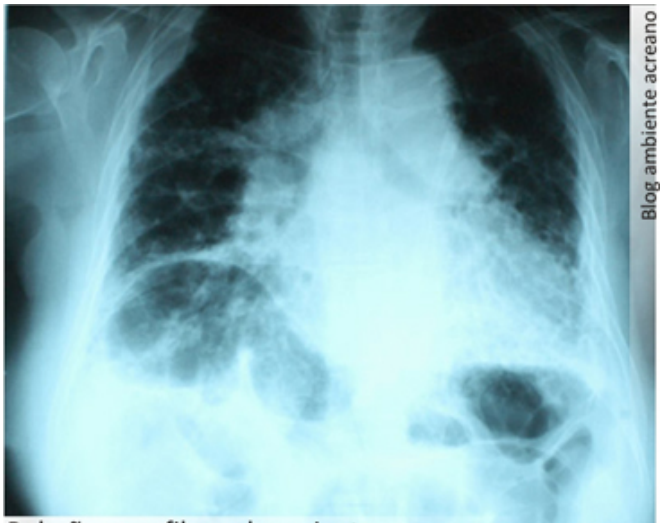
Como extensão da vila operária, foi criada a vila Bonfim do Amianto, onde a maior parte dos moradores era de ex-trabalhadores da mina, filhos e viúvas. Outros trabalhadores ocuparam a Vila de Bom Jesus da Serra, que, em 1989, foi desmembrada de Poções e tornou-se município (D´AREDE, 2009), hoje com 421,517 km² (IBGE, 2010a). Nas décadas de 1970 e 1980, o amianto e o pó que restaram foram comercializados por duas empresas: Arizona e Nardelli, que deixaram a usina em ruínas e modificaram a paisagem local. A vila operária e a usina foram saqueadas, sobrando apenas algumas casas, a escola, o cinema, o campo de futebol e a igreja (D´AREDE, 2009).

Quando a mina de São Félix do Amianto foi desativada, a Sama seguiu para Goiás, onde identificara a jazida de Canabrava, no município de Minaçu (SANTOS, 2008).

Alguns trabalhadores foram para a nova mina, e aqueles que permaneceram no local foram demitidos pela empresa. Como a região não possuía nenhuma outra forma de geração de trabalho e renda, a não ser a exploração da mina, a população local teve de buscar trabalho em outras localidades, especialmente em São Paulo. Os que ficaram passaram a se dedicar a atividades rurais (D´AREDE, 2009).

Ainda hoje, mais de 40 anos depois do fechamento da mina, pedras com a fibra do amianto são vendidas à população que as utilizam na construção de casas, muros e calçadas. O mineral é usado também para pavimentação de ruas e praças e está presente até no muro das escolas. Isso significa que toda população do município (FOLHA DO MEIO AMBIENTE, 2008), estimada em 10.113 habitantes (IBGE, 2010a), está sujeita à contaminação pela fibra, sem que esteja devidamente informada disso (FOLHA DO MEIO AMBIENTE, 2008).

Os trabalhadores em contato com amianto, também conhecido como asbesto [nome de origem grega que significa imortal e indestrutível] (SANTOS, 2008), correm risco de desenvolver diversos tipos de câncer, como de pulmão, pleura [membrana que envolve os pulmões], peritônio, laringe, rim e trato gastrointestinal, além da asbestose, uma lesão do tecido pulmonar causada pelo acúmulo de fibras no sistema respiratório, que não são expelidas naturalmente pelo organismo em função de seu tamanho, e fazem o pulmão empedrar (PAIXÃO; QUEIROZ, 2009; SANTOS, 2008). O tratamento se resume em aliviar sintomas de falta de ar (dispnéia progressiva), que vão se acentuando com o tempo, mesmo que os trabalhadores sejam afastados da exposição ao pó (MEIO AMBIENTE E ANIMAIS, 2009). Todas essas doenças têm um período de latência que varia em torno de 30 anos (PAIXÃO; QUEIROZ, 2009) e, por isso, começaram a se manifestar com mais intensidade a partir dos anos 1980, quando a maioria dos trabalhadores já estava aposentada (D´AREDE, 2009).



Pulmão com fibras de amianto

Em 1998, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) iniciaram o “Estudo de morbidade e mortalidade entre trabalhadores e expostos ao asbesto na atividade de mineração 1940-1996”. Nesta ocasião, a Sama abriu um escritório em Poções para localização, cadastramento e realização de exames de avaliação de saúde de ex-trabalhadores, que hoje têm em média 75 anos. Segundo os ex-trabalhadores, os exames feitos pela empresa não são confiáveis porque os médicos, em geral, afirmam que eles não têm nenhum problema de saúde decorrente da exposição ao amianto e pelo fato de os laudos médicos serem imprecisos, e os exames feitos não serem devolvidos aos pacientes. Para os casos confirmados de adoecimento pelo contato com o amianto, a empresa estabeleceu uma indenização arbitrária, concedendo R$ 7 mil aos ex-trabalhadores com placa pleural; R$ 12 mil, aos que têm asbestose; e R$ 20 mil ao que são diagnosticados com mesotelioma [um tumor maligno] de pleura (D´AREDE, 2009).

O médico e professor adjunto do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Paulo Pena, alega existir uma epidemia invisível de câncer no estado. Ele explica que, por falta de dados estatísticos sobre a saúde dos moradores e ex-trabalhadores, que se dispersaram pelo estado, e devido ao longo período de latência das doenças, não é possível fazer um diagnóstico completo da extensão e da gravidade da epidemia. Os atingidos estão não apenas em Bom Jesus da Serra, como no município baiano de Simões Filho (COALIZÃO RIOS VIVOS, 2004). Com 201,222 km² e 586,65 habitantes (IBGE, 2010b), Simões Filho localiza-se na zona metropolitana de Salvador, onde o Grupo Eternit manteve

uma fábrica de artigos derivados do amianto com 2.500 trabalhadores (COALIZÃO RIOS VIVOS, 2004).

Técnicos do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador (Cesat) e do Centro de Recursos Ambientais (CRA) da Bahia afirmam ser possível a existência de ex-trabalhadores e familiares que apresentem patologias relacionadas à exposição ao amianto, ainda não identificados. O Ministério Público de Simões Filho e a Associação Baiana de Expostos ao Amianto (Abea) fizeram um levantamento dos casos de doença entre os ex-trabalhadores da Eternit e, segundo a promotora de Justiça de Meio Ambiente, Hortência Gomes, dos primeiros 200 examinados, 20 tiveram diagnóstico confirmado para doenças como asbestose e calcificações pleurais (COALIZÃO RIOS VIVOS, 2004).

As ameaças à saúde decorrente da exposição ambiental ao amianto se tornam ainda mais graves em Bom Jesus da Serra pelo fato de a maioria dos moradores não perceber que estão em contato com o amianto em todos os lugares do município e não terem consciência do risco que isso representa. Para a grande maioria, o risco fica restrito às pessoas que residem próximo à mina (MONIZ, 2010).



Amostra de amianto

Tendo em vista as dimensões do impacto socioambiental causado pela mineração na localidade, que deixou solo, vegetação e água contaminados, a Abea do município de Poções e do vizinho Bom Jesus da Serra reivindica que a Eternit recupere a área (SANTOS, 2008). Há um pleito também para que o local seja cercado e sinalizado para impedir o contato de pessoas e animais com os rejeitos de amianto, e para que as famílias sejam removidas, já que a água disponível é inadequada ao consumo (PAIXÃO; QUEIROZ, 2009).

Após oito anos de negociações, a Sama se negou a formalizar um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), assumindo seu passivo socioambiental. Em função da recusa, Ministérios Públicos Federal (MPF-BA) e Estadual (MPE) decidiram mover uma ação civil pública contra a empresa, reivindicando uma indenização de R$ 20 milhões à população local e a realização de um estudo de impacto e um plano de recuperação ambiental da área em que a mina funcionou (MPF, 2009)

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O município de Bom Jesus da Serra possui uma mina de amianto, denominada Mina de São Félix/Vila Amianto. Está localizada próximo ao ribeirão de Bom Jesus na bacia do rio de Contas que deságua no mar. A mina é encontrada na latitude 14°25'40"S e longitude 40°23'45"W.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A&R - Alino & Roberto e Advogados. Apertem o cinto, denúncia sobre amianto evaporou. 24 nov. 2008. Disponível em: http://www.aer.adv.br/noticiasMidia.php?numNoticia=0000002992 Acesso em: 11 abr. 2010.

COALIZÃO RIOS VIVOS. Trabalhadores sofrem de doenças adquiridas no contato com as fibras de amianto. 27 ago. 2004. Disponível em: http://www.riosvivos.org.br/canal.php?canal=167&mat_id=4038. Acesso em: 19 abr. 2010.

D´AREDE, Cláudia de Oliveira. O tempo das águas e dos ventos: significações do asbesto atribuídas às viúvas e ex-trabalhadores da mina de São Félix, em Bom Jesus da Serra, Bahia, Brasil. 2009. 179f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho) - Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2009. Disponível em: http://www.sat.ufba.br/site/db/dissertacoes/1982009114626.pdf. Acesso em: 10 abr. 2010.

FOLHA DO MEIO AMBIENTE. A morte branca do sertão: há 40 anos está sendo praticado um crime contra o meio ambiente. Brasília, 18 set. 2008. Disponível em: http://www.folhadomeio.com.br/publix/fma/folha/2008/09/1amianto192.html. Acesso em: 19 abr. 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Bom Jesus da Serra (BA). In: IBGE Cidades, 2010a. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=290395&r=2. Acesso em: 27 out. 2011.

_____. Simões Filho (BA). In: IBGE Cidades, 2010b. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=293070&r=2. Acesso em: 27 out. 2011.

IDEC, Instituto de Defesa do Consumidor. Sama (amianto) na Bahia: morte de pessoas e contaminação de águas. 12 jan. 2005. In: Centro de Mídia Independente, 10 out. 2008. Disponível em: http://74.125.93.132/search?q=cache:http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/10/430542.shtml. Acesso em: 19 abr. 2010.

MAPA DA INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. Epidemia do Amianto pode afetar de forma irreparável a saúde de trabalhadores e ex-trabalhadores do setor, porém vários estados brasileiros, inclusive a Bahia, continuam permitindo sua produção, 25 nov. 2009. Disponível em: http://www.conflitoambiental.icict.fiocruz.br/index.php?pag=ficha&cod=37. Acesso em: 27 out. 2011.

MEIO AMBIENTE E ANIMAIS. Amianto: O que é preciso saber. 08 jun. 2009. Disponível em: http://www.meioambienteeanimais.com.br/SiteMeioAmbienteEAnimais/sistema/materia.asp?pint_IdCaderno=6. Acesso em: 11 abr. 2010.

MPF/ MP-BA, Ministério Público Federal e Ministério Público Estadual da Bahia. Documento para ação civil pública contra a empresa Sama S/A Minerações Associadas. Vitória da Conquista (BA), 04 fev. 2009. Disponível em: http://www.prba.mpf.gov.br/links-uteis/manifestacoes/acoes/acp.sama_versao_para_impressao.pdf. Acesso em: 10 nov. 2011.

MONIZ, Marcela de Abreu. Amianto, Perigo e invisibilidade: percepção de riscos ambientais e à saúde de moradores do município de Bom Jesus da Serra/ Bahia. 2010. 199f. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública e Meio Ambiente). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: http://www.bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=2335. Acesso em: 10 nov. 2011.

PAIXÃO, Manuela Rocha; QUEIROZ, Rosana Moura de. Impactos ambientais e danos humanos causados pela extração de amianto no município de Poções - BA - a legislação brasileira e o controle da exploração de amianto.

Webartigos.com, 10 set. 2009. Disponível em: http://www.webartigos.com/articles/24591/1/IMPACTOS-AMBIENTAIS-E-DANOS-HUMANOS-CAUSADOS-PELA-EXTRACAO-DE-AMIANTO-NO-MUNICIPIO-DE-POCOES---BA-/pagina1.html. Acesso em: 11 abr. 2010.

SANTOS, Marcelo. Amianto, a fibra que destrói o pulmão: abolido em muitos países, o asbesto resiste no Brasil, um dos maiores produtores. Revista Problemas Brasileiros, n. 389, set.-out. 2008. In: Portal SESC-SP, São Paulo. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=318&breadcrumb=1&Artigo_ID=5005&IDCategoria=5725&reftype=1. Acesso em: 11 abr. 2010.